

---

## A ESTRADA: CANIBALISMO E EXPERIÊNCIA MORAL

### THE ROAD: CANNIBALISM AND MORAL EXPERIENCE

Ícaro Yure <sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como finalidade analisar a relação entre a indústria cultural, a produção e reprodução de valores. A análise aqui proposta busca entender as dimensões morais e ideológicas atribuídas as imagens do canibalismo no filme “A Estrada” (2009) e as formas e tentativas de reconciliação de tensões do universo social dispostas neste filme. Busca-se compreender a partir da análise de artefatos culturais emergentes da indústria cultural a relação entre experiência social e experiência moral.

**Palavra-chave:** indústria cultural; ideologia; canibalismo; A estrada

**Abstract:** The purpose of this article is to analyze the relationship between the cultural industry, the production and reproduction of values. It aims to understand the moral and ideological dimensions ascribed to the images of cannibalism in the 2009 motion picture “The Road” and the attempts of reconciliation of tensions of the social universe present in the movie. It seeks to understand from the analysis of emerging cultural artifacts of Cultural Industry the relationship between social experience and moral experience.

**Keywords:** cultural industry; ideology; cannibalism; The Road

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: icaroyuresocio@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O presente artigo concentra-se na análise do filme “*A estrada*” (2009), onde esta obra cinematográfica tem como elemento compositivo de sua narrativa o ato do consumo de carne humana, isto é, o canibalismo como elemento crucial no desenvolvimento de sua narrativa<sup>2</sup>. Diante disto, busca-se entender como as relações de experiência moral e ideologia se articulam e se estruturam dentro do capitalismo tardio a partir da produção cultural – mais precisamente na relação entre indústria cultural e economia dos valores. Apontando para as possibilidades de se perceber qual seria o sentido moral que esses sujeitos canibais adquirem dentro desse tipo narrativa, que tem como forma uma realidade distópica onde o mundo está em processo de destruição.

Como bem demonstrado por Siegfried Kracauer em seu livro “*De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*” (1988) o que interessa sociologicamente, dentro da perspectiva mais crítica de análise, não são apenas as estruturas estéticas e formativas da película cinematográfica, mas sim os temas representados pelas imagens que são recorrentes em diversos filmes, ou seja, “O que conta não é tanto a popularidade dos filmes estaticamente mensurada, mas a popularidade de seus temas pictóricos e narrativos. A persistente reiteração destes temas marca-os como projeções externas de desejos internos.” (KRACAUER, p.20, 1988). Lembrando que na sociologia do cinema proposta por Kracauer os filmes adquirem dimensão histórica, onde os mesmos passam a serem percebidos como índices impressos dos processos históricos (HANSEN, 2009), e os valores expostos em tais objetos culturais adquirem uma conexão com as condições sociais em que foram produzidos.

Aliado a percepção da recorrência dos elementos pictóricos nas projeções cinematográficas – no presente estudo, os canibais – entende-se também como crucial para a análise neste trabalho a percepção de como esses elementos se articulam ou mais precisamente refletem problemas de ordem objetiva. Para isso faremos uso da categoria filosófica da ideologia, deste modo fazendo associação entre objeto cultural e a sociedade em que este foi produzido. Sabendo-se que, como nos mostra Terry Eagleton (1997), a ideologia nunca expõe a totalidade da realidade em que é produzida, mas sim as maneiras como procuramos lidar com as contradições presentes na prática cotidiana, as formas de apaziguar as tensões sociais. Nesta perspectiva a ideologia é entendida como possuidora de uma natureza ambígua e autocontraditória que origina-se do fato dela não poder reproduzir com fidedignidade a contradição real, pois caso a reproduzisse como ela realmente se apresenta hesitaríamos em chamar esse discurso de ideológico (EAGLETON, 1997).

Nesse sentido ela aparece mais como um sintoma, um problema, do que como uma simples transcrição literal da realidade em que age e a imagem do canibalismo na indústria cultural pode ser compreendida como um indício das contradições morais e das formas como as relações sociais se articulam e agem dentro das lógicas culturais recentes.

O presente artigo irá centrar-se na análise do objeto e possuirá duas etapas: um pri-

---

<sup>2</sup> Outros exemplos de filmes que também trazem o mesmo elemento do canibalismo enquanto possibilidade racional seriam “*The Book of Eli*” (2010) e “*The Colony*” (2013).

meiro momento localizando a imagem e relevância do canibalismo no desenvolvimento da trama para em um segundo momento colocá-lo em primeiro plano articulando-o assim a problemática moral que é percebida no filme e que é explicitada ainda mais quando a ideia do canibalismo aparece como possibilidade muitas vezes racional e crível. O filme “A Estrada” (2009) foi escolhido como objeto de análise por expressar de forma mais clara os problemas que a pesquisa se propõe a analisar: a relação entre canibalismo e experiência moral.

## A ESTRADA: ENTRE CANIBAIS E A INDIFERENÇA

“*A estrada*”<sup>3</sup> (2009) passa-se em um “futuro não tão distante” onde o planeta foi abtido por uma catástrofe que acaba destruindo todas as formas de vida presentes em seu interior para além dos humanos. A sociedade, enquanto forma de organização social que conhecemos deixa de existir assim como de certa forma a eletricidade e as condições necessárias para se conseguir viver de forma “civilizada”. O problema que acarreta esse cataclisma civilizatório não é muito bem explicado, ficando sempre no ar o que realmente teria ocasionado essa catástrofe. Não se sabe, como também não se procura saber durante a trama, se o acontecimento teria se apresentado por questões de desenvolvimento excessivo e predatório ou se por desmandos teológicos.

A trama centra-se na tentativa de sobrevivência do pai e seu filho - que não possuem nomes - neste mundo que é pura hostilidade. Se não bastasse a escassez de comida, a cada vez menor produção de ar puro, eles são obrigados a viver com o medo constante de outros seres humanos. O canibalismo, devido à dificuldade cada vez maior em conseguir comida – não se produz mais comida e sim se vive sobre os despojos das comidas enlatadas que conseguiram ser poupadas por alguns que agora são ausentes – apresentasse como forma de sobrevivência neste mundo. Nas palavras recitadas pelo personagem mais velho logo no início da película: “O canibalismo é o grande medo.”

O que resta de esperança aos protagonistas, que são pai e filho, é a fuga e a expectativa de poderem ter mais um dia de vida. Eles se deslocam por grandes distâncias, tornam-se nômades, pois a estadia regular em certos lugares pode resultar em morte. Dentro de todo esse clima de melancolia os dois tentam estabelecer laços afetivos e continuar se utilizando de certas normas morais, mantendo assim de alguma forma o pouco de “humanidade” que os ainda resta. Em vários momentos do filme o pai e o filho são pegos em diálogos sobre quais ações tornam as caras “bons” e quais tornam “os caras maus”. “A estrada” mais que o título do filme é o lugar onde basicamente toda a trama se desenvolve. Fugir e não confiar em terceiros pois todos são canibais em potencial, eis o sentido que norteia grande parte da trama.

As lembranças do passado, da sociedade antes do colapso, aparecem recorrentemente como “flashbacks” do pai, sempre com um tom nostálgico, de um “paraíso perdido”. A rememoração do tempo em que a esperança podia ser pensada torna-se cada vez mais impossível. Em uma de suas digressões morais quanto a continuar insistindo em viver em um mundo de certa forma inviável, o pai menciona que as vezes conta ao garoto histórias de

3 O filme é baseado no romance homônimo lançado em 2006 e escrito por Cormac McCarthy.

coragem e de justiça, mas que devido as circunstâncias as lembranças acerca desses enredos tornam-se cada mais difíceis. O medo e a incerteza são os grandes dominantes desse novo mundo.

Basicamente não há sentido em continuar vivendo dentro desse panorama de quase inevitabilidade da morte, mas existe uma insistência por parte do pai – em um certo sentido esse enfoque é dado quase exclusivamente pelo pai - para que ele e seu filho consigam sobreviver mesmo em condições inumanas. O suicídio é um elemento também bastante recorrente na narrativa, tendo a esposa do “homem” se suicidado e tentado levar seu filho e marido consigo, argumentando que não havia sentido algum em continuar vivendo em um mundo onde a vida, ou que restou dela, configura-se enquanto um privilégio de poucos.

O canibalismo, na obra em análise, se apresenta enquanto possibilidade racional e real para a sobrevivência do que restou da espécie humana. Diferente de outras obras em que o tema aparece<sup>4</sup>, em “*A estrada*” (2009) o problema do canibalismo se apresenta como uma alegoria moral e ética sobre a experiência social contemporânea: No sentido de que as escolhas de comer ou não carne humana acabam conseqüentemente recaindo em violência, seja ela física ou simbólica. A incapacidade de se estabelecer vínculos ou de enxergar o Outro enquanto possível igual basicamente inexistente no filme e se apresenta como um problema de ordem valorativa, porque traz consigo uma série de dilemas. Como apontado por Charles Taylor em sua obra “*As fontes do self*” (2005), o agir moral contemporâneo passa a ser condicionado não por categorias de bem ou mal, mas por uma avaliação do certo e errado, que aparecem como consequência direta do desenvolvimento da racionalidade instrumental que é assumida como ethos contemporâneo. O agir certo nesta perspectiva apresentada no filme é exposto como uma questão de adequar meios a fins específicos.

Para que possamos entender os sentidos que são trazidos por essa tensão entre as personagens e os significados que são atribuídos a imagem do canibal, torna-se necessário que relacionemos a partir de agora esses problemas sobre o plano de fundo da experiência moral em nossa sociedade, buscando entender desta forma a articulação entre indústria cultural, ideologia e sociedade.

## VIRTUDE E CANIBALISMO: ONDE AGIR CERTO É SOBREVIVER

A personagem principal traz consigo os valores de um mundo que não existe mais. Isso fica bastante evidenciado nas tentativas de direcionamento ético que ele tenta dar a seu filho – que já nasceu nesse mundo destituído de sentido – acerca das ações boas e ruins. É recorrente a discussão entre ele e o filho sobre quais tipos de ações tornam o indivíduo bom ou mau. Ele faz com que o filho repita como uma espécie de mantra que “nós somos os caras bons” durante quase toda a trama.

Durante o desenvolvimento da narrativa, vemos algumas dessas “boas ações” serem questionadas pelo seu filho, onde o pai é acusado de já não mais conseguir distinguir o bem do mal, o que faz com que o pai se reporte em “flashbacks” ao mundo antes do colapso, como uma espécie de subterfúgio ético em busca de um sentido que já não mais existe.

4 “Cannibal Holocaust” (1980), “Bone Tomahawk” (2015), “Green Inferno” (2013) seriam alguns exemplos de outros filmes com a temática do canibalismo como central em suas narrativas.

Os canibais, antes mesmo de serem apresentados na trama, já existem enquanto “medo”. O personagem principal logo no início do filme nos relata que “O canibalismo é o grande medo”. Os humanos, em frente à crise total da sociedade em que se encontram, se desvinculam dos tabus morais e passam a ser guiados pela questão da autopreservação.

Toda a trama, seja entre os personagens principais quanto entre os supostos sujeitos anômicos da narrativa, giram em torno da única causa dotada de algum sentido nesse mundo “absurdo”: a sobrevivência. É aí que é possível perceber um problema moral e consequentemente de cunho social. A ação dos personagens passa a ser guiada pela ideia de uma finalidade, a sobrevivência, que acarreta um grande problema: a impossibilidade de se reconhecer o Outro enquanto sujeito moral.

O Outro é sempre um perigo em potencial. Em “*A estrada*” (2009) não é necessário que se reconheça no outro indivíduo “o grande medo”, visto que, para além de diagnósticos morais os personagens presam pela fuga ou a ação violenta. O problema é colocado sempre como uma questão exclusiva de sobreviver o máximo possível as situações, independente dos obstáculos éticos e morais que são encontrados durante o longo caminho na interminável estrada.

Essa desresponsabilização moral ou adioforização (BAUMAN, 1998) não se apresenta como problema unicamente dos canibais. Os bons sujeitos, ou os que de alguma forma reclamam para si os valores universais da humanidade, quando colocados em circunstâncias de perigo acabam operando pela mesma lógica de seus antagonistas. Basta remetermos a cena em que o homem adulto (personagem principal) se vê dentro de um abatedouro humano e entre pedidos de ajuda e súplicas de piedade, ele resolve fugir e em um momento posterior em que ao se encontrar com um homem idoso, ele se nega a criar qualquer espécie de vínculo pessoal pelo fato de chegar à conclusão de que o homem só teria sobrevivido recorrendo a violência.

A perspectiva de uma ação guiada pela questão da autopreservação e consequentemente da dominação (ADORNO & HORKHEIMER, 2006), é, sob diferentes formas assumida no filme, tornando-se o grande problema apresentado no decorrer da trama. Neste sentido, as ações perpetradas pelos personagens “(...) não tem valor moral intrínseco. Nem são immanentemente imorais. A avaliação moral é algo externo à ação em si e se decide pelos critérios outros que não aqueles que guiam e moldam à própria ação.” (BAUMAN, 1998, p. 38)

Para além da perspectiva ideológica hobbesiana (AVRAMESCU, 2009), onde uma sociedade estranha a instituições reguladoras recorreria à barbárie, o filme nos apresenta uma investida de submergir um problema moral com dimensões não muito bem delineadas pela trama em uma tentativa de desenvolvimento maniqueísta. Toda a relação dos homens com os outros, sejam entre os “civilizados” e os canibais ou entre os próprios “civilizados”, são permeadas por uma perspectiva de relativismo quanto as justificativas que são assumidas pelos atores para execução de suas vontades no desenrolar da narrativa.

O clima de ambiguidade moral (BAUMAN, 1997) recobre toda a trama, onde não existe mais uma diferenciação clara entre caras “bons” e caras “maus”, como colocado pelo filho do homem quando ele se nega a estabelecer relações com outros humanos. Ambas as perspectivas, sejam dos homens que se negam a comer outros homens e dos homens que se entregam a essa ideia, tem raiz no mesmo problema de ordem moral: “É na violência, por

mais que ela se esconda sob os véus da legalidade, que repousa afinal a hierarquia social.” (ADORNO & HORKHEIMER, 2006, p.92). Toda ação apresentada no filme recai sempre em um tipo de violência que possui o mesmo problema moral como ponto de surgimento.

O fechamento do filme termina com o pai ciente de sua morte iminente por alguma espécie de doença respiratória e depositando esperança, forçadamente já que viria a óbito, em uma família que se presta a cuidar do seu filho depois de sua morte. O laço mínimo de confiança entre eles, fora a morte iminente, é justificado pelo fato da família ainda carregar como cerne de sua organização o modelo de família das sociedades pós-industriais. A esperança da sobrevivência, que ganha contornos de sobrevivência da própria ideia de humanidade, se mantém sobre os valores morais e éticos da sociedade capitalista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caráter ideológico que os canibais assumem na trama é o de tentar anular qualquer tentativa de ligação das ações entre eles e os que não comem carne humana, ganhando essa perspectiva de uma possível crítica aos valores éticos e morais, quando na verdade a partir de uma análise mais acurada o que está apresentado na obra é a ideia de que tanto uma justificativa quanto a outra nascem do mesmo problema ou contradição social. Tanto protagonistas quanto antagonistas agem sob a perspectiva de uma instrumentalidade como guia das perspectivas morais adotadas pelos personagens.

A crítica a ideologia nos permite fazer a ligação entre a experiência social e o artefato cultural analisado, percebendo que ele acaba incorporando os valores sociais da sociedade em que é produzido e dessa maneira assumindo formas específicas e imaginárias para tentar solucionar problemas reais e de ordem específicas (EAGLETON, 1989). É o momento em que ela – a ideologia – se apresenta “refletida em si mesma” (ZIZEK, 2007), isto é, no momento em que ela é apresentada como prática não ideológica, acaso ou mera contingência, que pode ser localizada a contradição moral na proposta apresentada pelo filme analisado.

O que queremos apontar aqui não é o problema do canibalismo enquanto algo latente e pronto para eclodir em nossa sociedade, trazendo caos e desolação. Temos consciência que a maneira que a trama assume enquanto uma distopia, traz a perspectiva de uma hipostasiação dos problemas apresentados. O que queremos apontar é que esses problemas são pertencentes ao presente, mas são sempre expostos a partir de uma perspectiva futura, assumindo uma justificativa positiva sobre a atual conjuntura da sociedade (BRITO, 2007). Esse exagero adotado pela ideia do canibalismo adquire um caráter de “fantasmagoria”, isto é, a tentativa de resolver um dilema moral que nasce da própria experiência contemporânea. A violência que emerge das duas formas de ação assumidas pelos personagens na trama, canibais e não canibais, acaba não ficando muito clara. Uma vez que o canibalismo ou um perigo, que também pode ser um fim, adquire os contornos de ameaça a justificativa ética e moral para a ação violenta dos não canibais.

Agir bem, ou agir moralmente certo, tanto no filme como nas sociedades capitalistas passa a ser encarado como uma questão de pensar em meios e fins, isto é, o agir certo passa a ser também dominado pela perspectiva de quais métodos serão adotados para que determinadas metas sejam alcançadas (ADORNO & HORKHEIMER, 2006). Dentro desse

ethos instrumental a violência, dominação e a impossibilidade de se pensar a moralidade como campo de valores e sentidos coletivos, é sempre uma força em potencial. Enfatizando que para pensadores como Adorno e Horkheimer (2006) como também para Bauman (1998) a violência não se exerce somente de forma física, sendo a própria impossibilidade, por exemplo, de conceber o reconhecimento do outro para além de uma mera “coisa” ou uma ferramenta para se alcançar um fim pode ser encarada como uma forma de violência e dominação. A partir da produção cultural contemporânea torna-se necessária a retomada da crítica da ideologia, que passa a assumir o papel a partir de agora de:

(...) nomear, dentro de uma ordem social vigente, os elementos que – à guisa de “ficção”, isto é, de narrativas “utópicas” de histórias alternativas possíveis, mas fracassadas – apontam para o caráter antagônico do sistema e, desse modo, “nos alienam” da evidência de sua identidade estabelecida. (ZIZEK, 2007, p. 13)

Uma vez que esses valores presentes em “*A Estrada*” (2009) assim como os problemas que eles passam a apresentar nascem, como apontam muito bem Adorno e Horkheimer (2006) e Bauman (1998), da experiência moderna e se intensificam sob a égide do capitalismo, torna-se necessário que essa conexão entre ordem imaginária e a realidade seja estabelecida. Razão instrumental, divisão entre moral, ética e política (EAGLETON, 1993), desresponsabilização, produção de indiferença e a própria impossibilidade de pensar uma moralidade que envolva o reconhecimento do Outro, todos esses processos nascem das relações sociais que são instituídas a partir da adesão aos valores do capitalismo tardio, que faz com que as relações sociais assumam inicialmente a “(...) forma de atos isolados e racionais de troca entre proprietários de mercadorias” (LUKÁCS, 2003, p. 209). Seria alarmante pensar em tais circunstâncias o lado negativo da experiência social contemporânea, uma vez que a modernidade e as instituições que a acompanham já não tivessem demonstrado de forma real o outro lado desses valores<sup>5</sup>.

O que pretendemos com tal análise é perceber como esses valores que nascem da experiência social sob o capitalismo são produzidos e apresentados, como únicas possibilidades possíveis, seja através da produção e consumo de bens culturais, seja pelo sentido internalizado e veiculado por estes produtos, como pelas formas ideológicas que eles assumem. Uma vez que,

(...) essas formas do capital se transformam necessariamente nos verdadeiros representantes de sua vida social, justamente porque nelas se esfumam, a ponto de tornarem completamente imperceptíveis e irreconhecíveis, as relações dos homens entre si e com os objetos reais, destinados às satisfações reais de suas necessidades. (LUKÁCS, 2003, p. 211)

5 Tanto Adorno e Horkheimer (2006) quanto Bauman (1998), apesar de suas diferenças de projeto, analisaram o outro lado do desenvolvimento dos valores modernos: O Holocausto seria o maior dos exemplos.

Neste sentido, reitera-se a atualidade da análise crítica da indústria cultural aliada a análise ideológica. Reconhecendo-se também a necessidade de uma discussão mais acurada entre experiência social e moralidade, assim como a relação entre ideologia e produção cultural, dada as limitações que nos são impostas por se tratar de um artigo.

## FICHA TÉCNICA

**A Estrada** (The Road). EUA, 2009. 111 min. Dirigido por John Hillcoat

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKEHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

AVRAMESCU, Catalin. **An Intellectual History of Cannibalism**. Oxford: Princenton University Press, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética na pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

BRITO, Simone. Vida Falsa: Adorno e a experiência moderna sob o ponto de vista da moral. **Política e Trabalho - Revista de Ciências Sociais**, n.26, Paraíba, abril/2007, p. 57-83. Disponível em: <http://www.okara.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/viewFile/6768/4206> Acesso: 20/02/2019.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

HANSEN, M. B. **Perspectivas descentradas**. IN. KRACAUER, S. O ornamento da massa. São Paulo: Cosac Naiy, 2009.

KRACAUER, Siegfried. **De Caligari à Hitler: Uma história Psicológica do Cinema Alemão**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

LUKÁCS, Gyorgy. **História e Consciência de Classes**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TAYLOR, Charles. **As Fontes do Self: a construção da Identidade moderna**. São Paulo: Loyola, 2005.

ZIZEK, Slavoj et all. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.